

## **Biografias improváveis: imaginando vidas possíveis de escravizados como resistência ao esquecimento<sup>1</sup>**

João AMARAL<sup>2</sup>

Maria Clara ANSELMO<sup>3</sup>

Tainá JUNQUEIRA<sup>4</sup>

Marialva BARBOSA<sup>5</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Parte da pesquisa iniciada há dois anos, "Biografias Improváveis dos escravizados brasileiros do século XIX: o si mesmo de um outro como vinculação comunicacional", este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da busca por vidas de escravizados brasileiros como parte de um processo de recuperação e preservação dessa memória e o papel de narrativas escravas na construção da história do país. A partir da análise sobre a ausência de narrativas de escravizados no Brasil, relembramos a primeira biografia recuperada e trazemos os avanços e desafios da pesquisa em andamento que busca retirar do silêncio e do esquecimento histórias que não tiveram chance de ser contadas.

**Palavras-chave:** narrativas escravas; biografia de escravizados; memória.

### **Introdução**

O número de escravizados no Brasil ultrapassou, do século XVI ao século XIX, 4 milhões que aqui aportaram em vários momentos dos períodos colonial e imperial. Um país que por quase quatro séculos se movimentou economicamente baseado em um sistema exploratório, que retirava a dignidade de pessoas a partir da cor e da etnia, inevitavelmente carrega inúmeras histórias e cicatrizes. Afinal, “o escravo foi a espinha dorsal da nova economia, fazia crescer a riqueza do país, mas pagava com seu suor e sangue a apropriação de tudo pela aristocracia branca.” (Nascimento, 1977, n.p).

As marcas deixadas pelo sistema escravista são visíveis e quase palpáveis nas múltiplas dinâmicas sociais: a abolição que não incluía nenhum projeto de reintegração social, deixou escravizados à margem da sociedade, sem emprego e sem possibilidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: [mariaclara.anselmo@discente.eco.ufrj.br](mailto:mariaclara.anselmo@discente.eco.ufrj.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º semestre de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: [joao.amaral@discente.eco.ufrj.br](mailto:joao.amaral@discente.eco.ufrj.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º semestre de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: [tainamador@gmail.com](mailto:tainamador@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora Titular do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: [marialva153@gmail.com](mailto:marialva153@gmail.com)

---

de reestruturação, processos que continuam a render frutos no presente, como as múltiplas desigualdades presentes ainda hoje no Brasil.

Assim, contar histórias de escravizados, buscar sobre suas vidas, costumes e formas de resistência é uma forma de contar a história do Brasil. Contar histórias é uma forma de criar uma memória coletiva histórica, que promova a consciência e crie um senso de respeito aos antepassados. No entanto, isso não é uma realidade no Brasil. Histórias que narrem a vida dos escravizados se encontram silenciadas, os registros existentes são poucos. O desenvolvimento de pesquisas que busquem narrar a vida desses atores históricos, procurando ouvir suas vozes são recentes no Brasil.

Esse apagamento produz um esquecimento duradouro que influencia fortemente a construção da identidade cultural brasileira. Os escravizados buscaram de inúmeras maneiras lutar para preservar o respeito à sua existência e às suas tradições. Reduzir suas histórias é uma forma de abafar a potência de um povo o qual sempre foi colocado num lugar de inferioridade pela sociedade. Esconder suas faces é uma forma de manter um sistema que hierarquiza raças e pessoas.

“Insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas e morosidade na execução das tarefas se misturavam com a intolerância dos senhores e a brutalidade dos feitores. Chicotadas, açoites, troncos e prisões eram rotineiros. Assim como as notícias sobre fugitivos [...] Com tantos africanos e crioulos, entre becos e vielas — carregadores de cargas, quitandeiras e outros tantos trabalhadores urbanos —, não era fácil identificar um fugido. Eram ao mesmo tempo presentes e invisíveis.” (Dos Santos Gomes, 2015, p. 2)

### **A pesquisa: entre os objetivos e a metodologia**

A pesquisa “Biografias Improváveis: o si mesmo de um outro como imaginação histórica” (Barbosa, 2021) objetiva dar voz aos escravizados, a partir de restos do passado que permaneceram e chegaram até o presente, aliada a possibilidade de incluir numa análise histórico-comunicacional, a imaginação historiadora.

Mas, fazer buscas em arquivos, sejam eles digitais ou físicos, trazem obstáculos, pelo fato de os documentos serem, a maioria das vezes produzidos, pelos que têm voz na sociedade. Assim, os escravizados enquanto sujeitos históricos, atravessados por outras vozes e produzindo significados complexos de sua existência, embora figurem em profusão nos arquivos, ali está expressa sempre a voz do outro, do dominador. A sua voz é sempre encoberta.

---

O olhar direcionado pela pesquisa, também se justifica na intenção de proporcionar e colaborar para a construção de um olhar humano e sensível em relação a seres humanos que eram predominantemente vistos como mercadoria. Desconstruir essa visão é fundamental para pensar criticamente o processo de escravidão. A pesquisa em arquivos também cumpre o papel de buscar acontecimentos que ampliem as possibilidades de interpretação das vidas escravizadas. Abrir a chance de entendimento de suas ações, colabora para um olhar mais profundo e atento, como é o caso de nos aproximar da maneira como estes indivíduos conseguiam se desviar do sofrimento da escravidão.

O jornal *Diário de Pernambuco*, na edição do dia 27 de abril de 1872, noticia-se o suicídio do escravizado Antonio que pertencia ao senhor Alfredo Gibson. Nesta notícia é apresentado o suicídio como possibilidade de o ato ser uma fuga em relação aos maus tratos que Antonio vinha sofrendo, já que o orpo foi encontrado com marcas de castigos. Nesse exemplo, pagar com a própria vida era uma opção frente à realidade cruel e sanguinária. A partir deste fato noticioso se torna mais fácil dimensionar o mito da subalternidade escrava, mas o mais importante, Antonio passa a ser alguém que do passado chega até o presente.

Ao contrário do Brasil, onde a documentação histórica sobre a escravidão muitas vezes se limita aos registros dos senhores, as narrativas de escravizados americanos produziram relatos diretos e pessoais que partem das próprias experiências daqueles que vivenciaram o sistema (Sampaio, 2022). As *slave narratives* nos Estados Unidos permitem uma reflexão mais profunda, atenta e sensível a esse momento da história através dos olhos daqueles que a viveram, como é o exemplo da autobiografia do escravizado cubano Juan Francisco Manzano, publicada pela primeira vez em 1840 através de patrocínio de um abolicionista britânico. A importância desses relatos vai além da simples documentação histórica; elas respaldam pesquisas que proporcionam a disseminação de informações e a conscientização popular. As pesquisas relacionadas à escravidão nos EUA, na Inglaterra e em países da América Central, como Cuba, desafiam as narrativas dominantes, enriquecendo o entendimento histórico da escravidão e inspiram o ativismo em questões relacionadas à igualdade racial e justiça social. Enfim, as *slave narratives* representam parte crucial do tecido histórico e cultural

em muitos países e e continuam a moldar o discurso acadêmico e público sobre o legado da escravidão e suas ramificações contemporâneas.

O ato de biografar pode ser definido também como um exercício de resgatar um passado possível. As biografias improváveis possuem a premissa de reconstruir, por meio da junção de indícios do passado e da imaginação histórica (Barbosa, 2021), a vida de pessoas escravizadas no século XIX.

A imaginação histórica pressupõe a reconstrução em fimbrias de cenas pelas imagens materializadas por aquele que é o autor final da narrativa. Documentos inexistentes, relações figuradas com o real abrem brechas ao improvável enquanto dúvida e lugar de construção dos laços comunicacionais. Do passado até o presente produzidos também pela imaginação. Mas a imaginação do passado aciona no pesquisador historiador a busca pelo provável: a aparência das ruas, as casas da época, o trem que passava, o bonde que sacolejava, a rua repleta de gente no centro da cidade. Barulhos, cheiros, cores, visões, os sentidos vão permeando a vida e transformando-a na documentação possível de uma época. (Barbosa, 2021, p. 31)

Em sua obra 'O espaço biográfico', Leonor Arfuch propõe pensar esse espaço como um conjunto de relações que ocorrem tanto na presença quanto na ausência, entre diferentes formas que variam em proximidade e grau de conexão. Essas relações não são necessárias nem hierárquicas, mas adquirem significado dentro de um contexto espaço/temporal específico, onde múltiplas ocorrências acontecem simultaneamente. A autora sugere estudar a "circulação narrativa das vidas" em múltiplos suportes comunicacionais, nos quais fragmentos de um si mesmo, ou seja, do biografado e de suas relações, são expostos. E que essa exposição permite construir uma dimensão pública/privada dessa vida, dimensão essa que se multiplica infinitamente com o avanço da midiaticização na contemporaneidade (Arfuch, 2010, p. 58).

Portanto, a partir destes documentos inseridos no espaço biográfico dos escravizados do século XIX, torna-se possível a reconstrução de suas vidas. Ao tornar possível mostrar que estas pessoas existiram naquele mundo e que mundo era este do século XIX, conseguimos, também, através das capacidades imaginativas, articular narrativas possíveis que preencham as lacunas de vida e da presença dos sujeitos a serem biografados. Nas biografias improváveis, a fidelidade possível às vidas que não deixaram registros próprios é conferida ancorando-se em uma suposição do passado. Na construção do biográfico improvável, o foco não é a adequação dos acontecimentos ao que foi realmente vivido, mas as estratégias ficcionais de auto-representação.

---

É por meio do exercício de voltar ao passado a partir do presente que se faz também pensar nas disputas pela memória. Cabe pensar a memória, não apenas como lembrança de um passado, mas, como um instrumento político de dominação. O esquecimento destas vidas por meio de operações que do passado reverberam até o tempo presente, informam planos e maquinações que foram operadas em relação àqueles que tinham os corpos negros.

Gondar (2016, p. 24) vai enfatizar que “uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa”. A autora argumenta que essa montagem é intencional e se destina ao porvir, portanto, não é culpa de um acaso que os rastros que sobreviveram até o presente sejam reforço da condição de subalternidade destas vidas, como os processos penais, documentos de posse, testamentos, cartas de alforrias, entre outros, que compartilham entre si a dimensão da escravidão como central ao tratar destes sujeitos, tendo sua identidade como um mero adjetivo do seu estado de mercadoria. É um projeto estruturado de desumanização. Resgatar vozes deste passado é um exercício de resistência ao porvir idealizado neste passado. É, enfim, dar voz à morte, para aqueles que foram silenciados em vida. Gondar (2016) pontua que a memória produzida no presente é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja.

O ponto de partida da pesquisa baseia-se “na exposição de alguns escravizados quando ganham as páginas dos principais periódicos, sobretudo no fim do século XIX, por ter sido imputado a eles um ato violento: um crime que instaura a quebra da normalidade presumida.” (Barbosa, 2020, p. 33). O escravizado, portanto, será escolhido em função de sua visibilidade possibilitada pelo ato comunicacional. O recorte de tempo privilegiado delimita-se entre 1880 e 1890, década onde se viu surgir a possibilidade do fim da escravidão.

Em um primeiro momento, a pesquisa aconteceu em meios digitais. Na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, foi realizada uma busca utilizando a palavra-chave “crime de escravos”. Diversos nomes foram, então, descobertos. Entre os que surgiram, o critério de seleção escolhido foi a durabilidade destes atos comunicacionais, ou seja, os que permaneceram por mais tempo nos periódicos, multiplicados no “espaço biográfico” do século XIX, em outras

---

textualidades, como relatórios do Ministério da Justiça, relatórios dos Diretores das Casas de Detenção, fichas criminais e processos penais.

Com este material em mãos, a primeira biografia começou a ser esboçada e posteriormente avançamos a pesquisa na busca dos documentos relativos ao caso do Escravo Severo, noticiado nos jornais *Gazeta de Notícias* (1884) e *O Paiz* (1884; 1885). A busca foi feita no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, onde se tentou buscar a entrada de Severo na Casa de Detenção da Corte, a partir das fichas dos detentos, não teve sucesso, pois o último arquivo disponível data de meses antes da ocorrência de seu crime. Após isso, procuramos o seu processo penal no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, que apesar dos esforços da equipe e dos arquivistas que ajudaram na busca, também não foi encontrado.

Após estes resultados, a pesquisa agora se empenha em investigar outros documentos encontrados no Arquivo Nacional sobre a Casa de Correção da Corte a fim de melhor entender a estrutura prisional e também encontrar novos vestígios de pessoas escravizadas.

### **A busca por vidas silenciadas**

A pesquisa ‘Biografias Improváveis: o si mesmo de um outro como imaginação histórica’, iniciada em 2021, busca, portanto, evidenciar a vida de escravizados brasileiros a partir de brechas imaginativas deixadas nos rastros históricos. A ausência desse tipo de produção no Brasil justifica a necessidade de uma pesquisa que se volte para o passado tornando vidas silenciadas em vozes audíveis e que foram, sistematicamente, apagadas ao longo da história.

Essa pesquisa insere-se em um momento da produção científica que busca recuperar a vida e memória apagadas pela escravidão. O processo de apagamento da escravidão como sistema e, sobretudo, o apagamento das histórias dos escravizados, da cultura afrodescendente como línguas, religiões, músicas e outras práticas é um projeto bem estruturado, eficaz e duradouro que se mantém até hoje.

São escassas as produções no Brasil que se debruçam sobre as biografias dos escravizados, diferentemente do que ocorreu e ocorre na América do Norte, por exemplo, em que esta produção e a reflexão sobre ela data da segunda metade do século passado, como já assinalamos. Nos Estados Unidos as chamadas *slaves narratives*,

---

narrativas de escravizados, são um tipo de produção consolidada, contando com amplo respaldo acadêmico e que vem ganhando mais atenção de historiadores e escritores nas últimas décadas. Além do trabalho de pesquisa de recuperação histórica, livros de memórias escritos pelos próprios escravizados, ou que já nasceram livres nas Américas também são comuns. No geral, são narrativas de memórias que abrangem grande variedade de experiências escravas.

Livros célebres como ‘12 anos de Escravidão’, foi escrito por um filho de escravizado americano e publicado em 1893. Outro exemplo é a tese de doutorado de Marion Wilson Starling que compilou mais de 6 mil narrativas escravas, escritas ou encontradas entre 1703 e 1944 (Sampaio, 2022). Segundo Starling “são para ser descobertos em processos judiciais, anotações marginais, impressos de natureza privada, jornais abolicionistas e outros volumes, além de periódicos acadêmicos, arquivos de igrejas, coleções não publicadas e algumas publicações regulares” (1988, p.11), listando lugares de registros e vestígios históricos que norteiam também a pesquisa ‘Biografias Improváveis’. A presença de uma gama considerável de narrativas escravas, sobretudo em primeira pessoa, aponta para especificidades da escravidão norte americana e do movimento abolicionista naquele território.

“Tanto para abolicionistas britânicos como norte-americanos, os relatos em primeira pessoa que transmitiam os horrores do tráfico transatlântico e da escravidão nas Américas foram, desde cedo, reconhecidos como ferramentas poderosas de sensibilização social para a causa abolicionista. Assim, os registros de memórias e relatos, muitas vezes, foram estimulados e tiveram seus custos de publicação financiados pelos próprios movimentos abolicionistas, principalmente a partir dos anos 1830”. (Sampaio, 2022, p. 9)

Já no Brasil, a aparente ausência de relatos em primeira pessoa se deve por outros aspectos que caracterizaram a escravidão e o próprio desenvolvimento do país. O analfabetismo, a formação de um público leitor limitado e com outros interesses, a dificuldade de publicação de textos por um mercado editorial restrito e mesmo a censura podem ser fatores que expliquem a falta de produção de relatos e ou a demora por interesse por essas narrativas (Sampaio, 2022). Além disso, o Brasil foi o maior país escravocrata das Américas, tendo os escravizados africanos chegado pelos portos brasileiros, e sendo o último país a abolir a escravidão. Esse cenário pode indicar para uma propensão de um número significativo de produção dessas narrativas, como também explica a permanência e constituição no país de valores racistas que

---

mantiveram as experiências de escravizados apagadas. Apenas nos últimos anos pesquisas que abarquem a vida e realidade de escravizados e procura recuperar e preservar a memória de personalidades da escravidão das Américas passaram a olhar para esse tema. No Brasil, João José Reis foi um dos primeiros a lançar livros dedicados a recuperar e a narrar a vida de personagens escravizados. O Alufá Rufino (2010) e Domingos Sodré: um sacerdote africano (2008) deram início a esse tipo de produção com extensa contextualização e pesquisa histórica e espacial da escravidão brasileira.

Pesquisas e publicações acadêmicas podem contribuir para a consolidação de um lugar de memória da escravidão brasileira e seus personagens principais: os escravizados, apesar de terem sido frequentemente construídos como figurantes. Assim como museus, livros, centros de pesquisa e outros espaços, a pesquisa voltada para a vida desses escravizados também se torna espaço de construção de memória a partir de discussões, diálogos e infinitas propostas narrativas que enriquecem as produções sobre o tema. São esses suportes capazes de reconstruir imaginários e preservar memórias. Para Pierre Nora vivemos uma crise da memória e por isso os espaços destinados a sua conservação devem ser criados intencionalmente. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos. Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (Nora, 1993, p. 6-28). Para ele, a aceleração temporal põe em risco a espontaneidade das memórias coletivas, que se fragilizam. Diante dessa espécie de insuficiência da memória, faz-se necessário construir intencionalmente lugares de memória, isto é, lugares simbólicos que dariam a sensação de garantir a permanência da memória e da identidade coletiva.

De acordo o professor Ricardo Alexino Ferreira (1996), o Brasil sofre de uma amnésia histórica e cultural. “Associado ao racismo, ao sexismo, à homofobia e a outras formas de discriminação, o esquecimento assume formas convenientes, para não se contar histórias de determinados segmentos.” A memória é um jogo de lembrança e esquecimento. A seleção do que vai ser lembrado ou esquecido pode ser vista de maneira natural quando se pensa no mecanismo cerebral individual, mas a nível social e coletivo essa seleção obedece, muitas vezes, a forças de poder. A escolha do que lembrar e do que esquecer, enfim, está associada ao que se escolhe deixar viver e deixar morrer, respectivamente.



---

A memória é responsável pela manutenção da identidade a partir dos elementos do passado que continuam existindo. Os espaços de memória vão preservar determinados elementos, eventos históricos em detrimento de outros, em resposta a projetos de construção da identidade nacional. O que se escolhe lembrar diz muito mais sobre o presente do que sobre o passado. Tzvetan Todorov (2003) diz que assim como narrar é lembrar, silenciar é esquecer. Nesse sentido, a construção de narrativas, seja textos literários, trabalhos acadêmicos, pesquisas ou documentos guardados nos arquivos, se apresenta como suporte fundamental para a memória.

Construir novos espaços de memória auxilia na reverberação de um passado em direção ao presente. Possibilita que vozes, pessoas, lugares e culturas se mantenham vivas mesmo no futuro do passado, ou seja, no presente. A partir dos apontamentos de Jacques Le Goff, Danielle Pereira defende que a preservação da memória é fundamental para a construção da noção de pertencimento dos indivíduos de uma sociedade.

A memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva (LE GOFF, 1996, p. 11). (Pereira, 2014, p.344-345).

Na lógica de compreender a nossa própria história e trazer a luz, não apenas às vidas e vozes esquecidas no passado, mas a própria lógica sistemática de apagamento, a pesquisa ‘Biografias Improváveis’ busca, junto a outros trabalhos de revisão histórica, recuperar rastros e vestígios da vida de escravizados das últimas décadas do século XIX. O objetivo não é construir uma vida linear e cronológica de escravizados, mas uma narrativa possível. Busca-se, a partir das evidências deixadas em traços do passado, a construção de vidas reais sustentado pelo que ‘poderia ter sido’, noção construída a partir do pensamento de que “os restos de um tempo transformados em rastros (Ricoeur, 2008), permitem construir um provável que, no caso que apresentamos no texto, será sempre da ordem do imaginável” (Barbosa, 2021, p. 5).

Ao buscar documentos, processos e outros rastros em órgãos públicos, como o Arquivo Nacional, encontramos não os processos requeridos, mas uma imensidade de documentos desaparecidos ou de difícil acesso. A dificuldade de achar processos específicos de escravizados mostra também que esses documentos não estão sendo procurados e talvez nunca tenham sido buscados e vistos. Apesar de lugares de memória

como o Arquivo Nacional existirem com uma quantidade significativa de arquivos preservados, falta algumas vezes interesse dos próprios pesquisadores, e centros de pesquisa em se debruçar sobre o tema e, a partir daí, recuperar registros enterrados.

Retirar dos porões das instituições públicas, da poeira e do esquecimento arquivos que não deveriam ser esquecidos é um trabalho que procura lutar contra a tentativa de apagamento desse material. A pesquisa busca dar luz a esses documentos, fazendo-os existir, na intenção de ouvi-los. Quais histórias estão sendo contadas em processos oficiais do governo brasileiro do século XIX? Quais vidas podem ser identificadas ali? E além disso, até onde a imaginação histórica pode construir outros sentidos a partir dos rastros históricos? Uma das direções da remontagem das vidas de escravizados é a partir das sensações e afetos sentidos e causados por eles, imersos em um espaço e um contexto. Levar em consideração características da cidade, de seus sons a cores, também é exercício imaginativo de construção historiográfica.

A imaginação do passado aciona no pesquisador historiador a busca pelo provável: a aparência das ruas, as casas da época, o trem que passava, o bonde que sacolejava, a rua repleta de gente no centro da cidade. Barulhos, cheiros, cores, visões, os sentidos vão permeando a vida e transformando-a na documentação possível de uma época. (Barbosa, 2021, p. 5)

### **A primeira biografia**

A primeira biografia improvável que narramos, como pioneira de uma série de outras vidas que devem compor um mosaico de vozes de escravizados brasileiros, foi a de escravo Severo. A partir de fragmentos encontrados em jornais, como O Paiz e A Gazeta de Notícias, dos anos de 1883 a 1886, foi possível localizar pegadas de Severo pela cidade do Rio de Janeiro. Através do que usamos como metodologia, o poderia ter sido, demos a Severo uma chance de trajetória. Severo foi acusado de tentativa de assassinato contra sua dona na casa onde vivia, no Engenho de Dentro, no subúrbio do Rio de Janeiro, em 1883. Ele teria se revoltado após sua senhora lhe pedir para socar café já a noite e teria lhe dado um tiro de espingarda na perna. Pode ter passado dois dias escondido numa mata próxima, foragido. Pode ter sentido medo, alívio, frio. Foi preso dois dias depois do ocorrido pela polícia do Rio de Janeiro. Em sua declaração no julgamento no ano seguinte, se considerou inocente apesar de nas primeiras declarações no período de investigação ter confessado o crime. Ao ser questionado sobre a

---

controvérsia, disse: “O delegado e o escrivão sabem ler e escrever; podiam ter escrito o que lhes parecesse” (Gazeta de Notícias, 14 out. 1884, p. 1). Foi condenado a pena de galés perpétuas, o equivalente a trabalho forçado, pena dada a todos os escravizados. Teria morrido dois anos depois na Casa de Detenção da Corte, em 1886, de causa desconhecida (Barbosa, 2021).

Após trazer uma possibilidade de existência do escravo Severo, a partir de fragmentos de jornais que noticiaram seu crime e processo penal, o próximo passo da pesquisa era encontrar nos registros do Arquivo Nacional a ficha que constava seu processo. A partir desse documento penal seria possível conhecer o processo judicial que enfrentou, além de ter ali, no processo, a sua voz explícita, ainda que escrita por outros. A dificuldade de localizar este documento trouxe outras dificuldades para a pesquisa. Ao fim, o processo de Severo não foi encontrado e sua vida segue sendo uma possibilidade improvável, fruto de um ato imaginativo e interpretativo. Sendo assim, segue sendo impossível contar uma história única para esses personagens (Barbosa, 2021).

Além disso, documentos que informem estatísticas sobre escravizados são de interesse tanto por indicar informações de localizar as personagens, como revela a produção de dados sobre a escravidão no Brasil. Um mapa dos presos sentenciados pela justiça entre 18 de janeiro e 28 de junho de 1932 foi encontrado junto com outros documentos de estatística das movimentações de justiça com informações como o nome, a cor, condição (livre ou escravo), motivo da prisão e pena estabelecida. Esses dados são cruciais para a localização de possíveis personagens. A pena de galés perpétuas (trabalho forçado para o Estado), açoites ou uso de ferro no pescoço eram comuns. O escravo Severo, por exemplo, ao ser condenado por tentativa de homicídio foi sentenciado a galés perpétua. O crimes e sentenças descritas nesse mapa encontrado segue o que está expresso na primeira Constituição brasileira, de 1824, em que a pena de morte era legal, por exemplo.

Apesar de trazer informações de 1832, período anterior à nossa pesquisa, é um documento importante para nos localizar no tempo histórico e, assim, compreender os funcionamentos legais da justiça do século XIX. Além disso, pela dificuldade de encontrar e acessar documentos e mesmo pela ausência de processos referentes ao

---

período inicialmente estipulado pela pesquisa, o prolongamento da abrangência de investigação pode ser uma saída possível.

O mapa de falecimento dos escravizados não estava disponível nos dias de visita ao Arquivo Nacional. O documento estava sendo examinado, pesquisado por outras pessoas, ou seja, há muitas outras pessoas pesquisando sobre dados e informações sobre escravizados e escravidão concomitantemente. Isso mostra que outras pesquisas com esse mesmo pano de fundo ou mesmo objeto, estão sendo construídas, neste momento, sob as mais diversas perspectivas.

### **Considerações Finais**

A importância da procura e acesso desse documento é ainda mais significativo por se tratar da morte de escravizados e evidenciar causas, números e idade das pessoas que morriam sob o contexto da escravidão do século XIX. Buscar dar voz às mortes de escravizados significa, ao mesmo tempo, legitimar a vida e a existências dessas pessoas, uma vez que só morre aquilo que viveu, produziu afetos e testemunhou vivências. Ao ter mesmo os registros de mortes apagados ou silenciados, nega-se às suas existências.

Nesse sentido, além da busca por documentos no Arquivo Nacional, a temática de suicídios de escravizados também começou a ser pesquisada. Na lógica de legitimar possibilidades de existências da vida dos escravizados, o intuito é localizar episódios sobre o suicídio como marcadores de resistência dos próprios escravizados, tentando compreender o suicídio com os valores prováveis do contexto e do pensamento (conhecimento) não só brasileiro, mas também das visões de mundo e representações do território africano. Através das bases de dados da Hemeroteca Digital e do Arquivo Nacional, o tema suicídio é buscado como fundo de processos que mostram as ocorrências de escravizados que tiraram a própria vida no final do século XIX. A partir desta maneira de pesquisar, nomes, locais, idades foram encontrados como indício de registro oficial, ainda que sem revelar mais do contexto.

Evidenciar a ocorrência de suicídios de escravizados confere ainda a esses personagens sentimentos, conflitos internos e sociais, revolta e inconformismo, em um ato de humanização destes sujeitos históricos. Quem tira sua própria vida tem motivos, uma história e emoções que passam a existir quando nomeadas. Para além disso, o ato do suicídio já era considerado no século XIX, um ato extremo e surpreendente.

Seguindo essa lógica, notícias, notas e outros documentos podem ter sido produzidos identificando a vítima e narrando como se deu o fato. Assim, se torna um meio de identificação de personagens, a partir das quais, se reflete sobre o significado da morte, via suicídio, em que a morte pode representar a retomada de uma vida que foi deixada para trás quando começou a travessia em direção às diásporas africanas.

### Referências bibliográficas

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARBOSA, M. Memórias improváveis ou impossíveis? Restos de vida em diálogos comunicacionais. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 36, n. 78, p. 29–50, jan. 2020.

BARBOSA, M. Biografias improváveis: o si mesmo de um outro como imaginação historiadora. São Paulo: **Revista Brasileira de História da Mídia**, 2021.

FERREIRA, R. A.. **Um país sem memória é um país de ignorantes**. Bauru: Diário de Bauru, 27 de Abril de 1996.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 14 out. 1884.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. In: GEIGER, A.; (etl al) **Revista Morpheus**. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Pernambuco, p. 3, 27 de Abril de 1872.

DOS SANTOS GOMES, F. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

PEREIRA, D. C. M. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS Revista**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 344-355, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.16314>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MANZANO, J. F. **A autobiografia do poeta escravo**. São Paulo: Editora Herda, 2015.

NASCIMENTO, A. **Democracia racial: mito ou realidade?** In: Democracia racial: mito ou realidade?. Portal Geledés. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/democracia-racial-mito-ou-realidade-2/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

NORA, P. (Org.). **Les lieux de mémoire**: La République. Paris: Gallimard, 1984.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 2, 11 out. 1884.

O PAIZ, Rio de Janeiro, p. 1, 9 abr. 1885.

REIS, J. J.; GOMES, F. S.; CARVALHO, M. **O alufá Rufino**: tráfico, escravidão e liberdade no atlântico (1822-1853). São Paulo: Cia das Letras, 2010.

REIS, J. J. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2008.

SAMPAIO, M. C. S. C. Reflexões sobre a narrativa escrava (em língua inglesa) e os escritos de Luís Gama. Rio de Janeiro: **Revista de História Comparada**, 2022.

STARLING, M. W. **The slave narrative: its place in american literary history**. Washington: Howard: University Press, 1988.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.